



ALBAMA

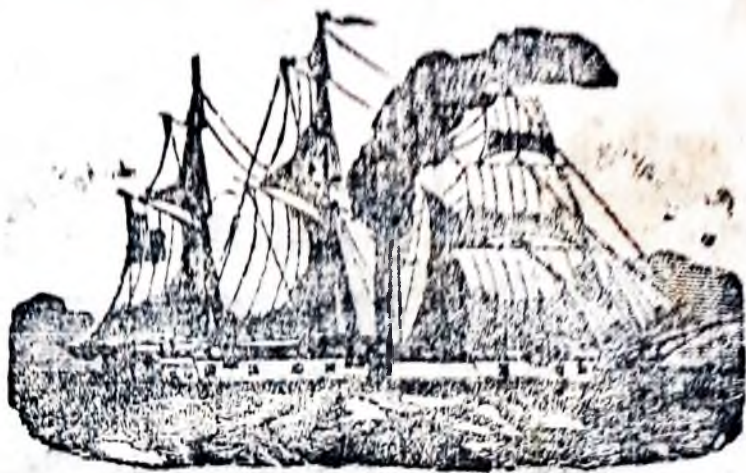
O

1863

—

1864

L. G. H. B.



PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.^a

BAHIA 4 DE FEVEREIRO DE 1864.

N.º 18

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados, Folha avuisa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 3 de fevereiro de 1864

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia. scientificando-o de que havendo na vespera de S. Gonçalo, f.º do corrente á noite, incendio n'uma casa visinha á Capella do Senhor do Bomfim, não foram cumpridas as ordens da policia.

1.º Contra o art. 209 do codigo penal foi prohibida a entrada na casa ao povo que a queria salvar das chammas.

2.º As sentinellas insultavam e provocavam ao povo.

3.º Eram agarradas e levadas a tombos pessoas bem trajadas que se não queriam prestar a carregar agua.

4.º Durando o incendio uma hora ou mais, nem a egreja fez signal de

fogo morando defronte o thesoureiro e o zelador.

O que levo ao conhecimento de V. S. para providenciar á respeito.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a uma taverna defronte do convento do Carmo e intime ao seu dono ou ao caixeiro do mesmo que já não estou disposto a tolerar que continuem os mesmos a roubar escandalosamente a quem quer que seja, vendendo aos capadocios bilhetes da antiga loteria da Trindade, mui semelhantes á moeda papel, para fins menos licitos e reprovados. Si reincidirem, pegue os Vm. pelas orelhas e conduza-os á presença do Sr. Dr. chefe de policia, visto que nenhuma confiança me merece o Sr. subdelegado da Rua do Paço, que por cima da dita venda mora, e he impossivel que do facto tenham conhecimento tenha. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá no Guadalupe ao Manuel Gomes, por antonomasia o Quinzena, e conduza-m'o ao porão, para mettel-o a terros, afim de que não continue o mesmo a exaurir o suor dos pobre soldados da guarnição, dando-lhes, sob penhores, 500 rs. para receber 800 rs., na occasião do soldo, que muitas vezes he no dia immediato ao em que faz a transacção, sendo que tal dinheiro alli mesmo fica em caixa e outras cousas. Outre sim, traga-me uma desesperada *Santinha* (de santa só tem o nome) que alli ha e que he o terror daquelles legares, para empregal-a convenientemente. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a uma loja de mudezas fronteiras á Capella de Nossa Senhora do Rosario da Baixa dos Sapateiros, e intime a seu dono que he prohibido continuar a fazer rifas com uma especie de roletta que alli tem e com que embabe os meninos dizendo-lhes que parem um vintem para ganharem trinta e cinco vezes, o que nunca succede, ou para tirarem figurinhas, induzindo-os a subtrahirem dinheiro dos que lhe dão o necessario. O que cumpra.

DIA 4.

Officio ao Sr. commandante de policia, pedindo-lhe para que não sejam mais admittidos no corpo de seu digno commando individuos da conducta do *Bahiano* que he um refinado bebado e insolente, o que muito ósabona a moralidade do referido corpo. Esse soldado cujas façanhas S. S. não ignora, fez hon-

tem á noite proezas na rua da Ordem Terceira de S. Francisco, chegando a sua insolencia ao auge de dar uma bofetada em um cidadão por lhe observar este pacificamente que não devia levar presa uma criança Sr. J. O. Pereira Guimarães, sem consentir que a mesma fechasse as portas da casa de seu senhor, uma vez que não havia outra pessoa em casa, salvo si elle guarda se responsabilisasse pelo resultado; o que foi bastante para que esse guarda commettesse excessivos desatinos, insultando e provocando quem alli estava e até desacatando a um official do seu corpo. Da alta moralidade de S. S. e da sua provada honra e brio militar espero que um homem perigoso como he *Bahiano* não continue a vestir uma farda que lhe não compete.

—Ao Sr. sub-telegado da Sé, dizendo-lhe que á ordem de S. S. se achta recolhida á casa de Correção a crioula Damiana, e que ha muito já lá se foram as 24 horas da lei sem que a paciente tenha recebido a nota de sua culpa, cumprindo que S. S. providencie como for de justiça.

—>>>><<<<<

—Está em casa o Sr. Ferrugem?

—Sr., elle não mora aqui.

—Ora não mora! Mas aqui mesmo nesta escada tem elle comido, bebido e dormido até no quente.

Mas como não mora, e pode ser que aqui venha V. Ex. queira dizer-lhe, minha senhora, que deseje fallar-lhe. Passe bem.

Si esta escada tivesse bocca gritava...

Oh! charo amigo! á sua procura

ando eu. Ora conte-me, que desfructe foi aquelle do Maciel?

—Pois eu estou para aturar uma mulher daquellas! Não quer que eu falle nem com um homem, nem com um cão!

—E o Sr. conversa com os cães? Bem se parece. Não nega a raça. Por que só cães brigam no meio da rua.

Pois como he que teve vossê o desaforo de insultar uma menina que vossê prostituiu, com tantos nomes que lhe quadram?

—Sr. capitão, devagar e entoadado!

—Ora, forte besta! Pois você dá em publico n'uma moça que por infelicidade desceu de sua dignidade para *enferrujar-se*, insulta-a, affronta a moralidade publica, e o publico não lhe arreventa as ventas, e tem cara de fallar em minha presença!

—Mentira, capitão.

—O Dr. Matta viu, o Eduardo viu, o sujeito que me contou viu, o Sr. Raphael deve saber, porque em sua casa esteve a moça, o Salú tserivão do subdelegado que foi chamado, tambem viu, e isto he já do dominio publico, bastava o coronel da mão vasia estar ahi para só elle espathar.

Que pena merece você?

—Ficar um dia inteiro na escada, á espera della.

—Sim?

Muxingueiro, com vergalhadas na cara deste patife, que traz moças á tovena e em novena as ceixa.

—Ay! ui! Jesus!

—Que poeirada! Muita ferrugem na estrada de ferro.

—Padre, venha cá. Pois ha de vossê deixar *sua terra* para escandalizar a gente!

—Que ha de novo?

—Pois ha de vossê metter-se na ezza da orchestra, ali no Rozario, e levar li dias inteiros! Comer moquecas, tocar violão, sambar, dormir na rede, e não respeitar a *viuva*, a donzella, a casada, nem a si, sua coroa, suas vestes, sua missão!

—Onde he isto, Sr.?

—Pois nomeei-o capellão, e vossê quer envergonhar-me!

—Eu nem sei de nada!

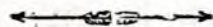
—No Rozario, padre, em Itapagipe!

—Ah! sim! Conhecimentos antigos..

—Eu bem que embirro com gente de cara larga!

Olhe que o melhor remedio para quem não tem vergonha he taca, taca e mais taca!

Emende se.



—Que diabo he aquillo?

—He o esquadrão de cavalleria.

—E aquelles sujeitos de chapeu de palha o que fazem alli mettidos no meio dos soldados?

—São os officiaes, capitão.

—De chapeu de palha!

—Por causa do sol.

—E he da disciplina?

—Não; mas a disciplina he para soldado; quem tem galão tem galardão.

—Ora bem bom!

E o que vão fazer? Irão pescar?

Vão em ar de pescador, com seus chapelitos de palha, e em caminho das Armações!...

—He exercicio, capitão.

—Está bom. O ministro da guerra ha de saber, assim como que o Behbazet virou Kueme, e manda metter a tropa em bollos.

LA VAE VERSO.
MILAGRE DE S. RAYMUNDO.

Sam Raymundo milagroso
Foi um grande pregador,
Sua intercessão fará
A' Sam-Paio professor.

E este mesmo Sam-Paio,
Milagres mil tem obrado:
Quem traz pezo n'algibeiro,
Elle tem alliviado

Em janeiro á vinte e quatro,
Um milagre praticou.
No Bomfim, só com dous dedos
Uma carteira tirou.

Quando estiver de lençoes,
Que milagres não fará?
Cavallos e bois alheios,
Em cobres transformará!

—•••••

SOCIEDADE.

Quem he aquelle
Que vem acolá
Com a Margarida?
—He um caxangá.

E aquelle outro
Que me vem alhí?
—He o esmirrado
Conego Cyri.

De chambre de chita,
Calça de enfiar,
Lá vae p'ra o Terreiro
A negra espíar.

No meio dos dous
A tal crioulinha,
Como vem faceira
Tão requebradinha.

Que bello pagode,
Que liga santa!
Quando o padre resa
O musico canta.

Mas por fim de contas
Heuve ciomadada,
A sociedade
Deu em bordoada.

«Senhor André vae se embora
«Q'en não quero teu amor,
«Seu amor dá prejuizo,
«He amor que cauza dor.

—•••••
LAVAGEM.

Que bello pagode,
Que linda lavagem
Lá em Sao Domingos
Faz a crioulagem!

Depois da egreja
Lavarem contente,
Saia arregaçada
Chupando aguardente,

Foram buscar lenha
P'ra fazer fogueira
Ao toque de palma,
E de bebedeira.

Não houve zabumba
Para acompanhar
Porque a policia
Ordem não quiz dar,

E só consentiu
Que palmas tocassem,
Bem devagarzinho
P'ra que não soassem.

De feche de lenha
O samba entoando
Jesus alfaíate
Vem se requebrando

O nosso Oderico
Vem na brincadeira
Fazendo seu riseo,
Puxando a fieira.

A negra Rebouças
Não falta à funcção
Vinha bem monada
Nessa occasião.

Pois si de caxaça
Quatro garrações
Mandou dar o Syudico
Para os beberrões.



ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2ª

BAHIA 6 DE FEVEREIRO DE 1864.

N.º 19

Publica-se na typographia do *Interesse Publico* a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados, Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis bordo do *Alabama*, 5 de fevereiro de 1864

Officio ao Exm. Revm. Sr. arcebispo. Constando-me que desde o dia 25 de dezembro tem deixado de haver missa cantada nos domingos e dias sanctos na cathedral, vou disso scientificar a V. Ex. Revm. para dar as convenientes determinações; assim como que sendo o cabido composto de dezoito conegos apparece nos dias solemnes a terça parte e muito menos, o que prova muito contra os reverendos conegos.

—A' camara municipal, pedindo-lhe que mande os *escravos da nação* (!. .) sob as vistas do competente engenheiro concluir a obra da rua da Prata, a fim de ver si se torna a encanar o gaz, que se tirou por causa da escavação feita na

mesma rua, e deixa o publico de transitar nas trevas com eminente risco de precipitar-se na roça do Dr. Alves, mesmo porque os moradores daquella rua tambem pagam decimas e tem o direito de gozar das poucas commodidades de que gozam os outros.

—Ao Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe que dê suas ordens para que nos bailes mascarados que terão lugar proximamente no theatro de S. João, seja prohibida a entrada á pessoas armadas de bengalas e chapéus de sol, uma vez que dizem que por uma mal intendida economia será supprimido nessas noites o logar de guarda-bengalas.

—Ao Sr. commandante do batalhão de caçadores, dizendo-lhe que hoje atravessara em pleno dia pela rua d'Alfandega um guarda do seu batalhão com um cesto de cajús as costas, e como isto seja altamente degradante á classe a que S. S. per-

tence, levo ao seu conhecimento para que se sirva providenciar na parte que lhe diz respeito.

—Ao Sr. subdelegado de Santa Anna para que quanto antes mande buscar á sua presença cinco individuos que occupam uma das pequenas cazas do Dr. Eloy á rua da Prata a fim de perguntar-lhes onde aprenderam o *quinteto chinez*, para assim affrontarem a moral publicánus como nasceram, sem o menor respeito á vizinhança; assim como si não ganham para comprar ourinós, visto que andam a encher a rua de embrulhos de papel, e se poem a mijar descaradamente na porta da rua; sob pena de, si continuarem, serem barbeados com o aromatico sabão que atiram á rua, e levarem 50 calabrotadas por 30 dias á bordo do *Alabama*.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que munido das competentes bolas vá por estas ruas vendo si consegue diminuir a immensa praga de cães que infestam esta cidade, os quaes já alguns damnos tem causado, devendo ter especial attenção para um da ladeira de Santa Theresa que morde quotidianamente de cinco a seis pessoas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que procure um tal Sr. Souza e diga-lhe que nem por viver em contacto com tantos santos lhe dóe a consciencia de ter uma pobre mulher ha dous annos em seu serviço, sem nunca lhe querer pagar o seu trabalho, e agora a despede devendo-lhe 1440 rs. Diga-lhe que como sei que costuma passar pela rua dos Droguistas, ali o mandarei esperar por uma

sucia do moleques, que lhe darão repetidos trotes, si por acaso não se puzer quite com a sua credora. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao convento do S. Francisco e procure a Fr. Lulú para intimar-lhe que não continúe a dar beneficios com a celebre *Sinhá Chorona*, como succedeu no dia de Natal em que elle abriu a portaria para só ella passar e agachar-se junto a grade do altar em que ia elle celebrar, para pôr-se a fazer momices e tregeitos, repetindo o escandalo no domingo 31 do corrente, em S. Domingos. Advirta-lhe que si me constar de novo que se põe o mesmo a affrontar a moralidade pelas Portas do Carmo e pelos corredores das egrejas a correr saia, virá de machos aos pés ao porão do *Alabama*, onde terá o premio que merecem os que, não cuidando de suas obrigações, se relaxam a ponto de redicularisarem a classe a que pertencem. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a rua do A B C, intime ao hypocrita Riscado de Carbalho, celebre protector afrancezado de orphãs e viúvas desvalidas, que se apresente com urgencia a bordo do *Alabama*, para responder pelas graves accusações que lhe tem sido feitas, á vista das amaveis cartinhas e poesias amorosas com as quaes pretendia requestar o coração de uma sua coimadre, a qual não querendo annuir aos seus torpes desejos tem sido victima de defamações calumniosas e infames, filhas somente do despeito daquella que deveria respeitá-la, e não, querer fazer com

essa. o mesmo que fez com a infeliz Mariquita Chales.

Si insistir, leve-o a rastos pelas orelhas ao Dr. em Roma para castigar-o e fazer-lhe a merecida reparação na lingua a ponta de faca. O que cumpra.

—Vossês viram o *Alabama*?

Falla de mim, por que não deitei no chafariz uma mulher com os peitos de fora; chama-me supersticioso.

—Mas vossê podia deitar alli outra ecusa mais propria.

—Ora vejamos.

—Uma cabeça de bezerro, ou de carneiro....

—Que moleque!

—Ou então um sujeito com os dous cofres do Senhor do Bomfim debaixo dos braços, ou mettendo-os nos bolsos.

—Não me insulte!

—Ora essa he boa! Eu já vi prender-se um homem que chamou prevaricador a um empregado publico por *injuria á pessoa*, e vossê quer dar cavaco por tão pouco!

Vossê o que deve fazer he pedir ao Senhor do Bomfim que lhe dê forças para carregar os cofres!

—Isto he rico!

—Este mundo tem cousas!....

—Cale a boca, que os capadocios abi vem.

—Guarda marinha!

—Prompto, capitão.

—Então recommendei lhe desde o anno passado que me não deixasse passar ladrão nenhum, quer macho, quer femea, e tem Vm. deixando ir em paz a certo mariola, filho

da ilha de S. Miguel, que abordou a este porto como colono em 1846.

—Ah! sim! um que foi remido de bordo da barca que o cá passou por um gallego que tinha venda Atraz do Muro das Freiras, e ficou inteiramente *forro* no anno de 1848, em que deu em fazer socos com o finado João Tamanqueiro, morador á Preguiça?

—Esse mesmo, Sr. Guilherme! He que eu noto que Vm. tem uma atracção para com *certa gente*...

—Qual, capitão! Eu lhe conto já boas cousinhas.

Em 1850 foi elle ser taverneiro; onde achou dinheiro ignoro; o que sei he que as *borboletas* de diversas cores tem feito mais milagres do que qualquer santo.

—Pois bem; quero agora que m'e vá Vm. buscar pelas crelhas para me declarar onde *arranjou* elle tanto dinheiro para ter tantas vendas, ser aguadeiro mor, ter até *carros* puxados por seus companheiros a conduzir carretos da estrada de ferro etc. etc.

—Já d'um pulo, meu capitão.

(*Continua.*)

—Mané Bahia!

—Prompto, capitão.

—Leva-me este officio ao Dr. chefe de policia; si não estiver entregue m'o ao Dr. delegade, pois quero saber qual o destino que deram á crioulinha Anna Silia, que á repartição da policia foi levada no dia 27 do passado, assim de proceder-se a corpo de delicto na mão direita da mesma...

—... Que se acha aleijado por uma *brasa de fogo* que a africana

Constança Maria dos Prazeres nella apertou.

—E sabes porque?

—Per um quarto de pão, que tirou a crioulinha para comer.

—Que barbaridade!

—Barbaridade! E o corpo da crioulinha que está todo cheio de cicatrizes e centusões?!

—Esta infeliz he escrava?

—Desta bruta africana que de mais a mais deu em esfregar pimenta nos olhos e na bocca da pobre rapariguinha

—Bem! Vae já levar o officio. Quero saber qual o castigo que se deu a dita africana, e si consentem que continue a ser sua escrava essa infeliz brasileira.

—Sem mais demora.

—>>>><<<<—

—Bom dia, Sr. official, como foi de guarda?

—Mal, capitão, estas noites são muito frias.

—Ah! maganão! Então inda queria tel-a melhor? Que visita foi aquella que teve á meia noite?

—Nenhuma, capitão.

—Ande lá! Ou julga que eu não vi? Quem era aquella *visão* de vestidos brancos e cabellos soltos á maneira de sylpho ou *Anjo* que lhe foi rondar a guarda? Pensa que eu não ouvi a conversa que houve no banco de pedra, ao murmurio das vagas, e á luz das estreitas? O Sr. he bem animoso, Sr. official! Ora diga-me, si vem o official de ronda naquella hora?

—Já tiuha vindo capitão, e depois lobo não come lobo.

—Mas diga-me, por que he que a *visão* olhava uma vez por outra para o lado daquelle becco que da ladeira da Preguiça vae ás Pedreiras, defronte da ex-Pre-dial? Como se chama aquelle becco?

—Capitão, não me deite a perder; si disser o nome, o Sr. commandante das armas sabe.

—>>>><<<<—

A' PEDIDO.

Pede-se a um menino da *Santa Terrinha*, que aqui chegou de ta-mancos e arca de pinho, e que hoje possui (sem se saber como) mais de trinta centos do reis, o qual he geralmente conhecido por *páu de sebo*, o favor de ser mais attencioso com as pessoas que entram em sua espelunca ao Taboão, não maltratando-as com palavras e gestos pouco polidos, como fez ultimamente com um prudente bacharel que lhe não metteu á cara os pés.

O gallego.

—>>>><<<<—

Avisa-se a um moço, bonito, de cabelleira e olhos azues, que vae namorar na Cruz do Cosme, que nao continue neste divertimento, pois os moradores do lugar não estão gostosos com a tal brincadeira; e pode ser que um dia não estejam de bom humor para ver e callar. Nao se fie no guarda-costas que leva, por que elle será o primeiro a correr, havendo qualquer batimento de pé.

O Sete Pecados.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.^a

BAHIA 16 DE FEVEREIRO DE 1864.

N.º 20

Publica-se na typographia de Marques, Ricardo e C., a 1\$000 rs. por series de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

Não sei que tem os criminosos com a policia! Ha um tal antagonismo entre estes dous entes!

Pois não pensavam os ladrões e os devassos que tinha naufragado o *Alabama*!

Até os frades do Carmo não bateram palmas, não deram vivas, não entoaram hosannas!

Estão porém enganados como se vê; o *Alabama* apenas fez uma viagem de maior curso, e n'ella colheu muita cousinha boa.

Deram-lhe, como noticia exacta, o naufragio do *Mohican*; não garante-a.

O que é certo é que encontrou pranchas e mastros perdidos, *ecartés çà et là*, na elegante phrase do sublime author das Aventuras do Telemaco.

O *Alabama* voltou a seu posto; de fornos accesos, de caldeiras em ebulição, está disposto ao combate; nenhuma avaria soffreu; sua tripolação

acha-se no mesmo ou em melhor pé. E si duvidarem, que experimentem.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1864.

Officio ao Exm, Sr. arcebispo, pedindo-lhe que se digne informar si este anno houve na cathedral a cerimonia do benzeimento da cêra e a procissão á roda da igreja que se costuma fazer no dia 2 de fevereiro, em louvor á Nossa Senhora; e si não houve qual a razão dessa falta, visto que me consta que nesse dia apenas houve uma missa resada pelo Revm. conego Deão, a que nem o organista compareceu; bem como a razão porque no dia 31 de janeiro tendo os sinos feito os signaes para as ceremonias religiosas do estilo, ficara tudo em signal.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, fazendo-lhe sciente que o portuguez Auto-

nio que anda mettido em negocios de burros e tambem tem carroças espancava brutalmente um pobre homem de nome Assumpção, deixando-o bastante maltractado e com uma grande contusão na cara, para que S. S. se sirva de já e já providenciar como he de justiça.

— Ao Sr. administrador do hospital da Santa Casa do Misericordia para que inform e acerca do que andam dizendo por ali os maldizentes de haver fallecido nesse hospital na noite de 5 do corrente um enfermo à falta de soccorros, por se acharem passeiando os encarregados de prestal-os, e que entrando pela madrugada um enfermeiro encontrara o cadaver no chão, por ter cahido da cama com a ancia e dor da morte; e como não seja crível que um estabelecimento da ordem desse possa andar em tal desmazelo e relaxação, principalmente estando confiado a um homem zeloso como Vm.—*he*—cumpre que Vm. para dissipar juizos maus e confundir esses aleivosos, detractores da vida alheia, se preste a dar as informações pedidas.

—Portariu ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá a D. Anna das Quartinhas e diga-lhe que cohiba o seu amavel *caixeiro* de praticar acções deshonestas para defronte, ficando certa de que si o mesmo continuar no seu reprovavel procedimento ficará privada dos importantes serviços que o mesmo lhe presta. O que cumpra.



—Guarda-marinha!

—Prompto, capitão.

—Acabaram-se as ferias do fóro.

Recommendo-te muita vigilancia sobre estes maganões que phantasiam dividas, e exigem pagamentos de quem nunca lhes deveu.

Todo o cuidado é pouco com estes que-
dam que por 2, 3, 4 e 5 $\frac{1}{2}$ rs. dão-se ao
emprego de servir de testemunhas falsas, e
tambem com os que servem por quererem
prestar serviços e favores.

Tenha-me tambem em vista estes meirinhos que passam certidões de terem citado a pessoas que nunca viram, avisando-lhes que é o castigo perda da provisão, 60 dias de pão e agua, de machos aos pés, no porão do navio.

Veja agora o que faz!

Faça das suas!

—Meu prazer é obedecer a V. Ex., capitão.



—O' rapaz, vem cá. Vendes sonhos?

—Senhor, eu não vendo sonhos. Sou uma praça do exercito, guarda da 7.^a companhia do 10.^o batalhão.

—Então camarada, sendo vossê guarda onde vae com esse taboleiro na cabeça? Quem ao vel-o não dirá que está vendendo sonhos, hoje domingo de entrudo?

—He o jantar do Sr. furriel que foi buscar.

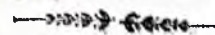
—Mas o Sr. furriel não podia ir jantar em sua easa?

—Não senhor, que está de guarda no Collegio, e o militar não abandona o seu posto.

—Mas o Sr. não vê que sendo um homem livre não se deve rebaixar a humilde condição de escravo?

—A disciplina manda que faça o serviço, e depois si quizer me queixar que peça licença, e eu que não quero passar mal, obedeço.

—Desgraçado paiz!



—Sr. Victor Meirelles!

Sr. Lima Barbosa!

Sr. Imediato!

—O capitão lhe chama, tenente!

—Prompto, meu sublime.:

—A Vm. compete fiscalisar as audiencias, tanto civeis como crimes, tendo o cuidado de lèr os autos nos cartorios dos escrivães, assim de, examinando todas as sentenças, ver si foram ellas dadas por justiça, ou em vista de *documentos particulares*, às vezes amarellos; como infelizmente muita vez tem succedido.

O juiz que vir Vm. ser criminoso, conduza-o à minha presença, para cuspir-lhe na estanhada lata, e dar-lhe o premio a que tem direito.

Como não ouve hem, leia.

—Muito bem, meu capitão: oh! oh! oh! hei de dar cabo destes rebeldes e piratas que roubam a mitra do papado.:. e me tiraram minha commenda de brilhantes.:. oh! oh! oh!:. hão de me respeitar estas barbas!:.:

—

—Capitão, iô tem uma cousa p'ra conta.

—Vamos lá com isto.

—Esse dotô que xinha capitão pega um dia desse praque matà um muié de parto qui nan tem fiadô fazê um cousa divertida.

—Qual foi então?

—Reia de carro di elle tá tudo de prata, elle manda ourive faze elle, abri ri nome di elle, e cussa mai ri seicentos mil réis.

Ourive fica ruente, chama dotô p'ra cura elle, e quando pergunta quanto ri deve, e manda retina conta, dotô repondi: Ossê nan devê nada ieu; nosso conta eneontra. E ri pobre artissa fica chuchano ni dedo.

—Ora esta! e está um moço zangado comigo, porque *é parente desse moço*.

Que mais viste?

—Ah capitão, brinqueda detruda ta ruim esse anno, capitão.

—Então que houve?

—Iô nan sabe chefe ri poricia, nin delegado qui fazê. Iô nan quô falla di cambra

praque esse nan regula mai. Som conta de nove, que prova ta zero.

Mai capitão, tá mi parecê qui truda nunca parou, que cambra nan fazê postura, qui poricia nan prohibiu brincadera de branco, qui tá mai proprio de negro, e di negra bruta, mai bruta que iô meme, qui nan intende desse nungocio de cranavá. Sempre tá brincadera qui gente sabe gommado e vorta lavado.

—Mas então não foram presas diversas pessoas?

—Péra, capitão. Anani tudo ta brinca; rua tudo tá moiada; pega aqui, pega allí, mata ri banho; pinta ri cara; quebra cabega; e abra ri perna, e um só é qui vai ni prisão, praque tá pobre, praque tá preto, praque nan assumta lugá di elle.

Esse non som lei; esse non som paiz livre; esse non som constituição que dizê qui lei ni egualamento p'ra anani tudo. Esse som patifaria; som digraça de terra di branco, desse Latronopo de inferno.

—Alto lá. Ate seus cordeis, meu moço.

—Ah... Capitão pergunta qui iô viu, io falla, capitão provoca!

—Mas é que debes simplesmente contar o que viste e nada de observações.

—Ta bom; mai tem pacença, capitão. Poricia que fazê?

—E a dar-lhe. Pois a policia não tem mais em que se occupar? Tanto ladrão, tanto jogador.

—Mai roubo tá hi, roreta tá ni moda, capitão.

—Mas é que a policia foi ver a parede do gazometro, e dar as competentes providencias para não ficar a cidade no escuro.

—Tomara poricia que luze se apaga p'ra elle drumi.

—E a embirrar com a policia. Nem mais uma palavra.

—Capitão, io já tá cu viola ni sacco. Adeusinha.

Pera, capitão; io lembra um cousa. Eu vai canta um chula qui io viu hontem; lá gragadiuha, capitão.

Labamba já tem partido,
Labamba ta liberá;
Labamba assim nan me serve,
Labamba qué desgostá.

Capitão virou casaca
P'ra ligueiro protegê;
Capitão nan qué qui io falla
P'ra verdade nan dizê.

Esse cousa é que fazê
Capitão me prohibi
Que eu dizê que anani sabe
Qui poricia qué drumi.

—Guilherme, visto per ahí uma *buxa* de cincoenta?

—Não, capitão; encontrei uma de cinco.

—De cinco! Ponha-me isto em pratos limpos.

—É que um escrivão de paz furtou um dia d'estes cinco mil réis com a maior sem-ceremonia do mundo. Ouviu uma conversa e veio ao conhecimento de que devia o capitão P. J. S. a um L. J. R. uma certa quantia e foi immediatamente ao tal capitão receber por meio de uma ordem falsa os cinco mil réis.

—Ora espere, estão alli a chamar-me; eu volto já ás *buxas*.

A' PEDIDO.

Sr. Redactor.

Consta-nos que na noite do dia 21 de janeiro p. p. em uma das casas da rua Direita do Collegio um celebre Menezes que escreve armado, puchara um punhal tentando ferir alguém, e como no dia seguinte fosse recolhido preso por seu digno chefe, despeitado por isso protestara de quando

fosse solto esmagar a uma e recrutar a outros seus desaffectedos, pelo que prevenimos a quem competir para que providencie afim de evitar que este moço não provoque desordens como fez naquella noite.

O Jandiroba.

Previne-se ao Sr. Zezé de Lemos Videira que não seja tão grosseiro, e que não tenha outra vez a ousadia de insultar os mais emtsua casas, do contrario pode succeder que lhe façam nas costas o signal da Redempção.

Emigrado de Cachoeira, quer na Bahia mostrar suas *bravatas* e provar que he *va-tentão*.

E agora porque? Por se haver atirado uma laranginha na sua *Dulcinéa*.

Na verdade açafão não he para boi.

Quando quizer, meu Zezé, vá, que lá o esperam os ameaçados, para ajustar contas, e dar-lhes uma lecção para não ser tão insolente.

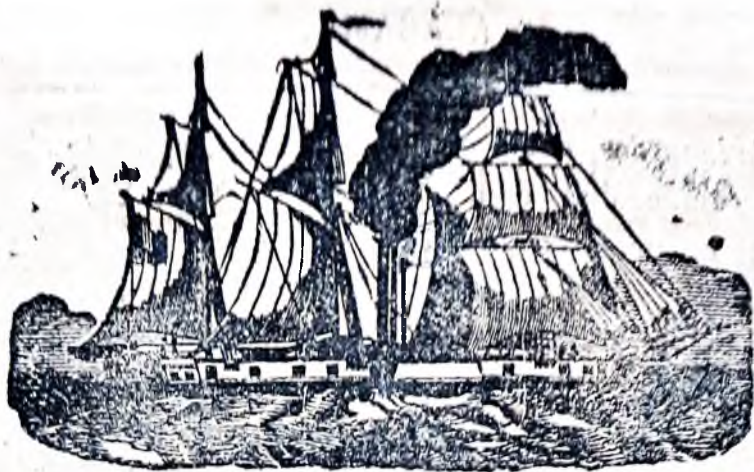
Os Offendidos.

Snr. *Casusa Maricas* que lima, V. Sapientissima não se quer dignar dar informações a pergunta innocente que lhe foi feita no 1.º numero do *Mohican*, á respeito dos escravos Jeronymo e José, que dizem por ahí as más lingoas foram honradamente guardados por Vossa Sapientissima, para que seus legitimos donos não os extrviassem?... e mais os alugueres de tres casas n'esta cidade e duas na cidade heroica, pertencentes a uma Irmandade pobre, que Vossa Sapientissima para *beneficio* della, fizeira doação a um estabelecimento ecclesiastico desta provincia, e continuando a pagar as decimas em nome de sua verdadeira possuidora como se mostra com as certidões passadas pela Meza de Rendas Provinciaes?

De novo pedimos pela honradez, *boa fé*, e as demais preclaras prendas que possue Vossa Sapientissima que dê uma solução a este negocio, si não quer entrar em ajuste de contas velhas com

A alma da Teté.

Bahia—Typ. de M., A., e C.—Rua da Misericordia, n.º 17.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.^a

BAHIA 18 DE FEVEREIRO DE 1864.

N.º 21

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de fevereiro de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado de Sant'Antonio, para que faça cessar os escandalos que na rua dos Ossos tem logar, provenientes dos desfructes que dá uma *florzinha* com seu *Augusto*, como ainda no dia 6 do corrente succedeu, ficando espantada a visinhança com os gritos que a mesma dava sandosa por seu Adonis. O que não pode continnar, devendo S.m. quanto antes mandar chamar à sua presença o sobredito enjejo para obrigar-o a procurar meio licito de vida, ou mesmo remettel-o para tropa, que é o unico destino conveniente a peraltas e vadios.

—Ao Sr. subdelegado do Pilar, para que faça ir á sua presença o *Mand-gago*, e passe a indagar do mesmo que relação

tem com certos individuos de procedimento duvidoso, e o que significa a entrada de certos vultos em sua casa, alta noite, carregados com diversos objectos.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, para que mande despejar em 24 horas ou faça recolher ao hospital como douda a africana Clara moradora em S. Miguel, que no domingo 14 teve a lembrança de sahir para rua em camisa, podendo S. m. informar-se dos moradores do logar do procedimento da referida africana.

—Ao Sr. subdelegado de Brotas, comunicando-lhe que no dia 7 de fevereiro no logar Engenho Velho, em uma casa de *candomblé* ou *terreiro* de que é mamãe a crioula Maria Julia, deu-se uma scena barbara e repugnante, sendo surrada uma mulher de nome Theophila, por haver saltado á certas prescripções a que era obrigada como *filha da casa*.

Comprou por tanto que Vm. nem só não

CAIXA 16

dê mais licença para *brinquedos*, como empregue toda diligencia em acabar com os immensos *terreiros* que ha nessa freguezia, para evitar-se a reproducção de factos destes.

Portaria ao Sr. fiscal geral ordenando-lhe que vá á venda do Granada, e depois de examinar que diabo de mistura é uma que o mesmo impinge aos freguezes por agardente de aniz, faça deitar fóra seuelhante heberagem como prejudicial à saude do povo, e imponha-lhe a respectiva multa de conformidade com as leis municipaes. O que cumpra.

— Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que me faça agarrar pelo coz dos calções um safadissimo gallego, conhecido por cabocolo, cuja vida é desencabeçar as filhas albeias, como fez ultimamente com a de uma pobre viuva no Saldanha, e pretende actualmente fazer com uma outra que reside na Sé. Consta-me que esse patife faz garbo desse luxurioso proceder, reunindo á volupia á impudencia, e que de mais a mais é réa confesso de todos os peccados mortaes; o que a ser verdade, vê Vm. que é quanto antes preciso purgar estes ares de tão calamitosa peste, o que fará Vm. conduzindo-o, da maneira já indicada e dando-lhe fricções de vergalho, a bordo deste navio, em cuja prôa será conservado amarrado de cabeça para baixo até que lhe leve a alma o diabo, para ser então atirado ao mar. O que cumpra.



—Que diabo de barulho é aquelle?

—E' bofetadaria velha.

—Dentro do *Forum*! Vá ver o que é aquillo, guarda-marinha!

—E esta?! Justiça da minha terra; quem mais pode dá um no outro.

Ja lá vou, capitão.

—Então, como te chamamos, gallego?

—Fernando, Sr.

—Em Fernando devias estar tú, meu refinado tratante!

Sei bem que queres desfarçar-te; Fernando chama-se aquelle cabriolla, teu companheiro das ladroeiras.

Então, meu ladrão, ainda embarcas escravos para o Rio sem passaporte?

—Quem lhe contou isto, capitão?!

—Lembras-te do dia 21 de março de 1857 em que iam conduzidos para tua casa aquelles dous infelizes, Angelica e seu filho Manuel, por aquelle meirinho mascavado?

—Tenho uma memoria muito fraca, capitão.

—Ea lh'a revivo, meu moço.

Veja si se lembra d'um Seraphico Gallo, que diziam ser captivo e que se intitulava de procurador?

Não hebia nada, e tinha por companheiro o *chaga subtil*, mestre de todos os procuradores honrados.

Estas duas firmas combinaram-se para roubar um pobre homem, de quem já um delles tinha comido 1:127\$580 em uma demanda.

—E que demanda foi essa?

—Eu lhe digo. Vossê *conheceu bem de perto* a Henriqueta Virissima de Souza, e sabe que era ella a senhora dos escravos Angelica e Manoel, não sabe? Pois a Angelica fugiu para a casa de um ladrão, e a Henriqueta pediu ao tal pobre homem que a fosse buscar, gastando o que fosse preciso que ella sujeitaria ao pagamento a escrava e o mais que tivesse. O homem gastou seus cobres, desde fevereiro de 1852 até agosto de 1855, uns quatro continhos de réis; mas a conta só poude ser apresentada em réis 2:988\$960; e por convenção tomou elle a escrava já com o filho como vendidos por 1:250\$, no tempo da epidemia, em que pouco valor tinham os escravos.

Mas o homem, que pela sua boa fé é que padece, deixou em confiança a escrava no poder da Henriqueta, para servir a tres innocentes filhos, que elle julga serem seus a quem tracta com desvello e amor paternal.

—Já me lembro, capitão. A Angelica tem já dous filhos, e estão todos tres presos ha 7 annos!

—E porque?

—Pelas trahições que tem o pobre diabo soffrido; temos feito o diabo com o cujo.

—E ousa dizel-o?

—Quando a negra era conduzida a falsa fé de seu senhor, foi tirada da mão d'um negro e levada para o Aljube para mostrar o senhor. documentos de sua posse.

Quando o senhor quiz tal fazer, foi ameaçado pelo *Subtil* e pelo *Gallo* de uma queixa, formada por elles em nome da Henriqueta, mulher mundana, como diz ser desde que a conheceu o homem de quem se tracta.

—Que idade pode ter essa mulher?

—Seus 32 annos.

Soffreu o homem com esta historia uma delonga de 6 mezes; e indo o juiz para a Assembléa Provincial, o supplente, inexperiencede, e prevenido por seu mentor, o padre Amaral inimigo do homem, condemnou-o sem uma palavra que prov fizeasse. O homem recorrendo foi absolvido, e recebeu de custas 214\$360.

—Vejam lá quanto não gastou o pobre do homem!

—Essa queixa tinha um fim; expol-o ao odio dos magistrados.

—E esta mulher tem dinheiro, para sustentar tantas demandas?

—De louça nem um pires.

—É que ella tem então um refinado ladrão, um ilhéu dos seiscentos que a protege, um gallego dos diabos...

—O Sr. capitão falla com elle.

(Continúa.)

—Que diabo foi aquillo na rua do Aljube?

—Aquelle pedreiro com sua pedreira chamaram aquella rapariga, e esbofetearam-na a grande.

Foram presos mas d'ahi a pouco, á empunha de certo doutor seu visinho (é o que dizem) foram soltas.

—Por quem?

—Ora por quem! Dizem que pelo delegado que foi quem recebeu a carta.

—Ora este delegado!...



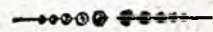
—Que barulho foi aquelle no largo do Theatro?

—Brigaram dous sujeitos e um que quebrou a cabeça do outro empinou-se. Passou aquelle diabo e levou o que ficou á venda para curar a cabeça com aguardente, quando entrou a patrulha e levou-os ambos, apesar dos protestos que fazia o ferido de não ter sido o outro seu offensor.

—E foi o *intromettido* para a casa de caxorro!

—E gastou dinheiro com papelladas, carceragens e procurador!

—De sorte que nesta epocha de liberalismo e progresso, fica assim sujeita a liberdade individual ao primeiro belleguim da policia!



—Immediato que tem Vm.?

—Pois os frades do Carmo não me negaram cinza na quarta feira de cinza!

—Quem foi este?

—O *reverendo* Bugre! Disse-me que eu era do *Alabama*, e não tinha cinza.

O prior foi quem mandou dar-m'a.

—Ora deixe aquelle biltre; aquillo é a deshonra do clero.



—Guarda-marinha, nada ouviu V. dizer a respeito de um desastre no mar?

—Ouvi; disseram-me, ha já umas duas semanas, que vinha um vapor de Cachoeira, que por insistencia e teima do capitão abalroou um barco, cujo mestre foi ao fundo. Disseram-me que por mais que pedisse socorro o pobre homem, a tripolação do vapor nem moveu-se. Di seram-me que dous passageiros foram queixar-se á Intendencia da Mariuha. Disseram-me que dias depois boiava na altura de Montserrat o corpo do mestre. Disseram-me que o barco ficou em tal estado que arribou a Itaparica. Disseram-me tambem que nenhuma providencia se tinha dado.

—E não sabe; o nome do vapor?

—O *Dous de Julho*.

—Bem; manda-me levar este officio ao capitão do Porto, que quero ver o que ha.

—Ora o que ha! O que ha é que fica tudo no mesmo. Já não viu o que diz o capitão no *Jornal*?

—Mande levar o officio!...



LA VAE VERSO

O POETA DA MEIA NOITE.

Temos um poeta
Que não mette *cunha*,
Quando no pagode
O copête empunha.

No *Café Americano*
Quem o quizer encontrar
Vá depois da meia noite
No sabbado, q'ô hade achar,

Sentado no botequim
Com a crioula a seu lado
Seu mocotó pitiscando
E bom vinho engarráfado.

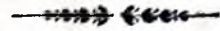
A' PEDIDO.

Uma pessoa interessada deseja saber para onde mudou-se o escriptorio da corporação musical.



Pergunta-se si é ou não verdade o que por ali espalham á respeito do Secretaris Ecclesiastico, onde consta que se franquiam livros de assentamentos de baptismo da freguezia de Sant'Antonio aos da *parcialidade* do Sr. Antonio Pereira (?) á empenhos de seu digno irmão o reverendo conego do mesmo nome?

O *Nagé*.



CHEGOU A TEMPO.

O portuguez intitulado
Que Filho d' Galiza é
É um galego perfeito
U irmão do Zezé.

Eu de tudo já sei
Vosçe não sabe de onde vem
Olhe para isquina
Que vosçe vé quem li quer bem.

Eu sou amo
Vosçe é Caixeiro
Eu fallo certo
I vosçe è um tinteiro.

Em Lisboa priciza-se
Di galego e galiguiho
Para puchar os carros
Que elles são bom Burrinho.

Viva Alabama
Como valentão
Peguei-me neste galego
Boti-mi no sertão.

Não si pricisa
Di soldado Ronhar.
Pricisa-se de galego
Para no fogo quemar.

Por—*José Ignacio*.

ANNUNCIO.

Acha-se nos prelos e brevemente sahira á luz a=Biographia de alguns officiaes da guarda nacional—onde se analysará seus costumes, moralidade, e capacidade intellectual.=Preço 500 rs.

Bahia—*Typ. de M., A., e C.*—Rua do Mizerician.º 17.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 2.^a

BAHIA 19 DE FEVEREIRO DE 1864.

N.º 22

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de fevereiro de 1864.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe pela 2.^a VEZ que lance suas piedosas vistas para uma propriedade ás Grades de Ferro, a qual ameaça a vida de um povo inteiro que por alli transita. O que muito deve merecer sua attenção, não só pela proximidade do inverno, como pelo desastre que ultimamente se deu no gazometro.

Portaria ao guarda-marinha-pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua do Collegio á casa do *Sacco de farollos* e diga-lhe que si continuar a andar em casa em fraldas de camisa, praticando gestos e actos immoraes, com escandalo da visinhança, mandar-lhe-hei trancafiar na casa de prisão com trabalho onde muito pre-

cisam os presos de seus serviços. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao padre Alho que pretende ser vigario, e diga-lhe que deixe a Maricas do colleiro que morou com um seu fallecido parente, sob pena de perder a encommenda e levar umas palmadas com os sapatos tortos com que anda. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ás Portas do Carmo e agarre pelas orelhas um certo sapateiro conhecido por Bodião, que em companhia de certo menino que tira cavallos de pau da Cathedral para alugal-os vivem a insultar desaforadamente a visinhança e a quem passa. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á Estrada Nova, n'um bosque que ha alli, habitado por um leo-pardo que anda a accommetter os viandantes para comel-os, e, com as pessoas de que poder na occasião dispor, trancafiar essa fera n'uma das

jaulas do Barbalho, assim de que os pintores fiquem sabendo de que não podem continuar nesta terra o jovinico estylo. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao becco do Ferrão, e traga-me assim mesmo em fraldas de camisa como costuma andar, e até a chegar à porta da rua. um celebre homem de portas, de barbas grisalhas, que alli mora, o qual, consta me, que n'um dos dias de entrudo espancara barbaramente uma crioula que recebeu entrar no covil daquelle novo Polyphemo de oculos. O que a ser verdade, pela gravidade do facto, far-lhe-ha Vm. cortar as barbas a ponta de faca. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Sr. *Trate-serio*, e diga-lhe que tenho diversas queixas de seu enteado que me dizem ser um insolente atrevido, o qual traz a visinhança n'uma continua roda-viva com insultos e provocações; devendo Vm. intimar-lhe que já e já ponha cobro ao reprovavel procedimento do referido seu enteado, do contrario pagará as favas que o asno comeu. O que cumpra.

—Domine, Domine, reverendissimo.

—Servo servorum do Sr. capitão.

—Estou apreciando daqui a sua casa. Pelo que vejo festeja hoje o Deus Menino: casa toda ornada e illuminada, folhas de pitanga da escada até em cima, e como que vi entrar alguma cousa de manjellorum, sem duvida para as pastorinhas.

Engano capitão. Mandei preparar esta casa para uma senhora a quem desejo agradecer.

—Pois padre ha quem se lembre de alugar uma casa e mandal-a illuminar para agradecer a quem nella vem morar! E logo a quem? a uma qualidade de gente que

d'uma hora para outra bate as azas, vae e lhe deixa com agua no becco.

Reverendissimo, tome juizo, do contrario mando-o metter n'um taxo de calda a ferver.

—Moleque, vae alli chamar a Theodor.

—Para que me chama, senhor?

—Sabes que teus autos sobem sabbado à Relação? E que espero ter um bom resultado?

—Deus o permitta, meu senhor.

—Mandei te chamar para te dizer que hoje espero umas visitas, e que a senhora precisa de uns ananazes; por tanto quero que vás em baixo comprar-m'os.

—Mas yoyo, eu não tenho hoje um real; os unicos 50 rs., que tinha foram aquelles que Vm. mandou buscar.

—Ora esta! vossês querem que uma pessoa sirva, que peça, e não querem servir. Eu sei tambem o que hei de fazer. Não peço mais por ninguem. Quando eu digo a *yayá* que não se deve fazer favores, ella não quer acreditar.

—Està bom yoyo, Vm. espere. Vou ver si empenho em mão do Joaquim da venda minhas argollas.

Triste cousa é se precisar!

—Olhem que esta Latronopolis!...

—Que ha, meu capitão?

—É que não vem vossês ahi por estas ruas um cavallo alazão montado em ôntro, e que dizem nos veio da patria de Camões?

—Sao tantos, capitão!

—Mas é que este é Dr.; tem carta.

—Ladroeira de medico, então.

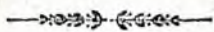
—Pois o patife não foi ao Maciel ver uma mulhe com dores de parto, não examinou a pobre da moça, e por fim não mandou no dia seguinte uma conta de 200\$!!...

—Podemos pegal-o, capitão?

—Onde o encontrarem. Pernas cotapêdas, suissas, côr pallida, chapéu de castor branco, sobrecasaco côr de vinho, calças brancas. Andava n'algum tempo de besta, hoje é de cavallo.

—Ah! é um moço que sabe muito latim, e que em vez de chamar um pomar que tinha pelo nome proprio chamava-o *bosque de lima*.

—Justamente. Sem demora camaradas!



—Guarda-mariinha, quem é aquelle sujeito de cara de bolaxão e cabelleira lambida, que tão garboso alli vae a estirar-me as pernas, apoiado n'uma bengalina de unicornio.

—É um celeberrimo bacharel, formado em tratadas e velhacarias, devasso e infame a quem appellidam as meretrizes de *yoyo do céu*.

—Eu não me engano!

—Grumete, traze-me já aqui aquelle pedante impostor, que aquillo tem por fôrça supprimento nos alforjes.

—Capitão, alguma novidade.

—E grande, meu patife.

—V. já não foi juiz na comarca de *Camisã Grande*?

—Sim Sr.

—Então é V. mesmo o cujo.

Vou deixar no esquecimento tudo o que por lá fez; vou só tractar de um ponto, de um negocio seu aqui ha dous annos.

Quando para aqui veio o Bellas, V. não foi offerecer-se-lhe?

—Sim, Sr., já sei o que é. Eu lhe digo tudo.

Offercci-me ao homem, e disse-lhe: Isto de defeza, bagatella. O Sr. o que deve fazer é dar-me quatro contos de réis. que eu vou á relação e compro uns quatro desembargadores que lhe hão de necessariamente dar um *habeas-corpus*, e é o que se quer.

O tabaréu sentiu a lancetada, mudou de

cara e disse-me que ia consultar seu correspondente.

O correspondente disse-lhe que nada havia de melhor. Quem bem conhece a magistratura são os portuguezes ricos que vem com demandas.

—Isto é uma insinuação infame, tão infame como quem a enunciou.

—V. Ex. então não tem lido gazeta! Não viu o que fez o Sinimbú no Rio com os desembargadores e ministros do tribunal de justiça!

—E quer ser V. um dos que atirem a pedra! V. a cousa mais rafada, o *fardo mais ruim da bagagem liqueira*, um sacco de vícios e torpezas, o repudio dos homens de bem!

Continúe o que estava dizendo! bobo!

—Pois bem, capitão.

A' vista do conselho do correspondente o tabaréu deu-me ordem para tirar no Banco as quatro continhos, o que fiz immediatamente.

Mas para melhor mostrar meu *desinteresse* fui levar-lh'os e dizer-lhe: Si está arrependido, aqui os trago.

O homem notou aquelle meu rasgo, e entregou-me o dinheiro, certo de que mudaria de residencia.

—E V. mamou os cobres, e nunca mais foi vel-o!

—Está claro. Quem é tolo pedé a Deos que o mate e ao diabo que o leve.

—Que cynismo! que impudencia! que requintada safadez!

E V. não disse que já tinha fallado com um seu parente que lhe garantira a *fiança*?

—E' o que dizem, mas eu não cahia nessa.

—Pois, safado d'um dardo, vou já fazer-te o que o mereces.

Olá, barbeiro! raspa a cabeça a essa cousa ruim, deixando-lhe no centro um monticulo de cabellos. E vossês camaradas con-

servem-no assim exposto ao ar, ao sol, ao sereno e à chuva, até que nos bata á porta o tão almejado sabbado d'Alleluia.

Forte peste!...



—Padre-mestre, venha cá!

—Que ha capitão?

—Pois ha de V. estar a affrontar a moralidade publica, prohibindo que cheguem os visinhos á janella com suas momices e desaforos!

É então prohibido morar-se na rua do Carmo, defronte do convento? Descarado caboclo!

—Capitão, é que eu...

—É que V... já sabe lér latim? Por mais que lh'o quizesse o Fr. Pança metter na cabeça, entrou V. no latim e fugiu o latim de V.

—Mas ca... ca... capitão.....

—Gago do inferno! Nunca soube V. cantar um *Patrem omnipotentem*!

—Ca... ca... capitão...

—Ora cale-se, devasso d'uma figa; veja si é o convento, onde anda V. em fraldas de camisa pelos corredores, apesar dos meninos a quem lecciona o Pança.

—Ca... capitão, por quem é...

—Mas diga-me, já se occupou o *Alabama* de um fardo inutil como V. E como V. tão contente dava parabens a certo Dr. pelo naufragio do *Alabama*?

—Foi para consolar o moço.

—Pois fique certo, o *Alabama* ainda não acabou com os ladrões nem com os devassos; sua missão não está concluida. Sei bem que V. é um ladravaz de nota, mas sua occasião é outra. Por ora, como V. é gago, quero só mandar-lhe cortar a lingua que é pegada.

Aude, abra a bocca, frade safado.



—Venha cá amigo o que é isto na cara?

—Uma força de sangue, capitão, proveniente do muito calor e vinho do Porto.

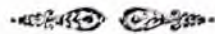
—Mas noto nas suas faces signaes de dedos, como quem levou supapos?

—Foi uma queda no baile mascarado.

—Queda? quem sabe si não foi o senhor o cujo que levou muita bofetada de uma mulher?

—Não capitão, eu não apanho de mulher, isto é bom para o Carmelinho.

—Está bom, ja que não foi o senhor, aconselho-lhe que deite uns panos de agoa com sal na cara para desfazer estes signaes. Adeus amigo.



LA VAE VERSO

MILAGRES DE S. RAYMUNDO.

Santa Rita já não é
A Santa dos impossiveis;
Tem a palma S. *Raymundo*
Q' fáz prodigios incriveis.

Faz o tratante
Moralisado,
Faz o ladrão
Probo e honrado.

Faz um peralta devasso
A mocidade educar.
Por que tem a devoção
Do *habito* ir lhe beijar.

A' PEDIDO.

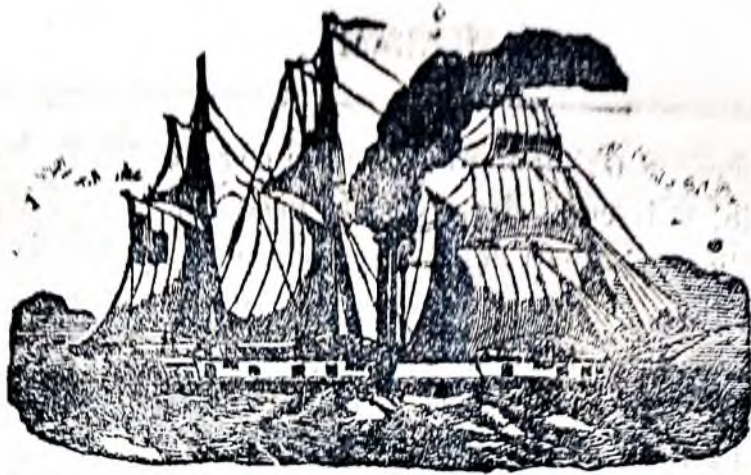
DESPACHO.

Consta que o alumno-mestre-tirador-de-carteiras, fôra nomeado professor de uma cadeira de primeiras letras pelo patrocínio de um *Santo Pregador*. Este professor, dizem, que pretende fazer diversas reformas no systema de ensino, entre outras, que dá aula n'uma sala de *lençoes*. É o que dizem.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Previne-se aos Srs. assignantes que não paguem suas assignaturas absolutamente a ninguem sinão á vista de recibo impresso e com o competente talão.

Bahia—Typ. de M., A., e C.—Rua do *Mizericoedia* n.º 17.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.^a

BAHIA 19 DE FEVEREIRO DE 1864.

N.º 23

Publica-se natypographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Principia hoje a 3.^a serie.

Previe-se aos Srs. assignantes que não paguem suas assignaturas absolutamente a ninguém sinão à vista de recibo impresso e com o competente talão.

EXPEDIENTE.


Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de fevereiro de 1864.

Officio ao Exm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe providencias contra o abuso que ora em larga escalla se dá, de andarem as crioulas pelas egrejas a atrapalhar os fieis devotos com importunas cadeirinhas, signal entre ellas de fausto e luxo, as quaes, entre outros, causa o estrago de descoser os vestidos das senhoras, como succedeu ultimamente em S. Domingos, que ficou uma em anagoas. Julgamos que S. Ex. deve extir-

par esse abuso, que si não consentem os muito *catholicos* barbadinhos, é porque sem duvida vae de encontro aos preceitos da fé romana.

— A' camara municipal, scientificando-lhe de que acham-se no mesmo estado que a das Grados de Ferro as propriedades seguintes: uma na baixa do Bomfim, sobrado, escorado apenas, pelo lado do sul, com um pau em meia altura; outra na rua do Bangala, inteiramente arruinada, sem uma parede do lado do sul, com moradores; e outra, a ja mui conhecida do Terreiro, sobre que tem reelamado todos os jornaes d'esta capital. A Illm. dignese providenciar á respeito.

—Ao Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que hontem á noite quasi se duvidava da existencia da policia; por quanto os capotes de violão, nuidos aos lazzaronis de realejo, em torno da Sé onde se acha depositada a imagem do Senhor dos Passos, atroavam os ares com modinhas do

peito e palavrinhas doces, e ultimamente, (o que foi um beneficio, pois cumpriram o artigo 296 § 2 do código criminal) descobriram entre as mendigos uma crioulinha de deseseis annos, mais ou menos, escrava de um Alexandre, morador à Estrada Nova, com o que fizeram grande algazarra e estrondosa vozeria, pateando com escandalo nunca visto ao inspector Marcolino Zé de Lima que depois de ter prendido a dita crioulinha à ordem do subdelegado, soltou-a, não só pela opposição de alguns sujeitos, como porque a patrulha  que estava presente e impassivel testemunhava essa scena, não a quiz conduzir, dando tambem o mencionado inspector o desfructe de intitular-se o quem pode.

São levados estes factos ao conhecimento de S. S. para providenciar á respeito.

—Ao superintendente da companhia bahiana de navegação a vapor, pedir providencias sobre os abusos seguintes: 1.º Tocando os vapores da companhia em diversos portos do sul, deixa de tocar no Morro, para onde ha sempre passageiros e até por conta do governo (que deve n'isto intervir) succedendo que por isso vão em alto mar esperar as canôas pelos passageiros, o que é de grande risco, pois que já muitas vezes tem acontecido, que ao desatracar, viram-se as canôas pelo movimento das rodas do vapor, pelos caixões d'agua ou qual quer outro motivo. 2.º Ao chegarem à ponte desta cidade os vapores, são accommettidos por immensidade de negros ganhadores que atropellam os passageiros para apoderarem-se das bagagens d'estes, succedendo muitas vezes que se extraviam alguns fardos, por ser impossivel que n'aquella confusão se possa distinguir quem os levou. Sobre este ponto são immensas as reclamações. 3.º Não devem ser mais cortados os bilhetes dos passageiros do Bomfim, depois de largados os cabos do vapor, como ainda

ha pouco succedeu com um moço que ficou sem passagem e sem bilhete, soffrendo de mais a mais apupadas dos empregados da ponte; o que muito depõe contra a boa ordem dos trabalhos, além de ser.... pouco decente... quero dizer, dar motivos a moralidade....

Queira S. m. attender a estas justas reclamações.

Portaria. Ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que vá as Portas do Carmo, nas immediações da botica do Sr. Andrade, e fim de providenciar sobre um cano que por alli ha, cujo insupportavel fetido incommoda os moradores d'aquella rua e as pessoas que por ella passam. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a Ruã das Veronicas, casa do Britto e faça-o observar a postura, prohibindo que arremesse o mesmo á rua aguas podres e excrecencias, tendo sua casa um cano, que se acha entupido por seus escravos e por despejo do mesmo. O que cumpra.

—Ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá no primeiro domingo á roça do Barros à Estrada Nova e esperte-me 2 sujeitos que me dizem ser empregados da Meza de Rendas qua alli hão de ir tomar banho, para trazel-os à minha presença, e dar-lhes eu o conveniente destino, visto que me consta que são demasiadas as immoralidades que fazem os mesmos no Ferrão, casa do homem de portas. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá à Baixa dos Sapateiros e prenda-me pelas orelhas um celebre Manicaca Mendes que vive alli todas as tardes a fazer evoluções desde o Café Americano até a igreja do Rosario incommodando as familias e-aos transeuntes com seu escandaloso namoro, com os en-

contrões que dá e com as topadas que leva. E para que não succeda que fique este nacio contaminado com o caixeiro de tão digno amo, o Justo-no anno, entregue-o Vm. aos primeiros moleques que encontrar, para dar-lhes o merecido castigo. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que va a um escrivão de paz, que é da praça, sem sersoldado, e note-lhe seu feio procedimento emprestando a ridicula quantia de 2\$ rs. sob penhor de um pano da Costa no valor de 17\$ com o juro enorme de 100 rs. diarios. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que se dirija á casa do padre das rosas, e intime-lhe que si continuar a ameaçar com chicote aos rapazes que olham para sua querida comadre, dando assim provas de seu zelo charitoso, mandal-o-hei atirar ao porão do Alabama, de machos aos pés, onde será conservado todo o resto da Quaresma. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que va á noite, á porta principal do Collegio, e veja si encontra um Felippe que vende lenha, que ahi costuma deleitar-se em conversações e recreios com uma Rosa que vende peixe, afim de trazel-os ambos a minha presença, e de mandar-lhes eu applicar cincoenta vergalhadas, justo castigo de sua irreverencia. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que me traga pela cabelleira o alferes Casquilho para perguntar-lhe onde aprendeu o meio de ver-se livre de seus credores, preudendo-os, como quiz ultimamente fazer com um marceneiro que lhe pedindo 2\$ rs. na Praça, teve de ouvil-o chamar pelo commandante da guarda, para fornecel-lhe dous nomens. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Sr. José Gadinho Ferreiro Leal, e pergun-

te-lhe a razão porque no dia 12 do corrente, pelas 7 horas da noite quiz á força cobrar de um morador ao becco do Ferrão uma quantia ridicula; assim como si não sabe que ahi estão os tribunaes, unico meio legal para cobrar dividas. Si alguma coisa respingar o tal sargento, lembre-lhe Vm. aquella divida do Lucas do Taboão, e o antigo proverbio que tão bem lhe quadra:—Todo bom cobrador é mau pagador. O que cumpra.

—O' la, meu Castanho, que diabo de negocio é o seu?

—Distribúo.

—E tanto assim que toma o Sr. as casas do SS. Sacramento de Sant'Anna, para distribuir, alugando-as.

—E' verdade, capitão, e não é lá das piores cousas; alugo-as pelo duplo e mais, e viva quem vence.

—Não sei porque todo ladrão è descarado!....

Guarda marinha, vá á rua da Prata, e onde encontrar V. um sujeito da policia, na janella, a dar beijos e abraços em uma Mariquinhas, pegue-me o cujo.

—Sei quem è. È o Espirra-longe.

—E' justamente esse patife. Traga-o para o porão e entregue-o ao muxingueiro.

—E' um grande achado. Si visse V. Ex. o desaforo que praticam na janella aquellas duas firmas!

—Parece que não tem visinhos!

—Pois V. não sabia o que fazia e! le quando mais moço?

—São duas pombas a beijarem-se, duas miútheres a brincarem, dous anjinhos a amarem-se.

— Mestre, tenho que dar um baile á bordo, e muito honrado serei si for a sua musica.

— Pois não, capitão! A musica de caçadores está ás ordens do *Alabama*.

— Mas olhe que é obsequio.

— Menos isto. Trabalho para a nação, porque a nação me paga.

— Perdão, eu lhe propuz isso, porque julguei que era moda entre os musicos. Dizem, por exemplo, que o Manuel Pedro não paga e ultimamente contaram-me esta historia:

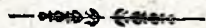
«Teve um mestre de musica necessidade d'um requinta para tocar no palanque durante o fest-jo de 2 de Julho.

Convidou a um, que compareceu a 35 ensaios e ao festejo, e não tratou de saber si o homem para viver comia, nem si para comer precisava de dinheiro.

O requinta por fim fallou nisso, e o musico-mestre respondeu-lhe que suppunha ter sido aquillo um obsequio.

Foi só por isso que....

— Esta bem, como V. Ex. sabe destas cousas e eu não quero meu nome, nem mesmo o de qualquer musico, em gazeta, irei de graça ao baile.



— Que barulho é aquelle no Collegio?

— É a muzica do côro.

— Que musica infernal! que vozes en-diabradas!

— Pois si os meninos não comem! Ao menos parece, estão tão magros!

— Parecem meninos no *nascimento*, isto é, meninos nascidos.

— Ainda si elles tomassem um pouco de *caminha*, alli n'aquella venda de defronte!



— Immediato?

— Prompto, capitão.

— Que marca de Judas com barba de Herodes é aquelle cebolas que lá vae no vapor da Cachoeira?

— É o regresso de S. Fidelis, o larapio mais torpe e cynico da sociedade:—A. G.

— Oh! chama esse breado, que tenho de mandal-o pôr de calcêta ao pé no porão do *Alabama*.

— Antonio Regresso de S. Felix á falla!

— Prompto, Exm. Sr. capitão.

— Então, miseravel, intrigante e adula-dor do Xico dos Xifres, ainda continuas com este nojento gallego a chamar os brasileiros *caibras* e negros?

— Eu não, senhor capitão, e si taes cou-sas hei dito, será quando estou alli assim mellado: mas peço perdão, meu senhori.

— Que borracho!

Então quanto dinheiro falso passaste na Chapada, onde te esfregaram de pão e péa de burro?

— Senhora, eu nunca passei dinheiro falso: isto foi lá o Xico Bueno. V. Ex. se engana: apezar de sermos da mesma marca eu sou de Portugale, e elle é cavoclo.

(*Continúa.*)



— Então, meu Falcão, vossê ainda está no proposito de chamar ladrão o redactor do *Alabama*? Ainda procura responsavel para a calumnia vil que tão vilmente urde? Sempre escreve no *Jornal*?

— Calumnia, capitão, é essa que me levantam.

— Triste sina é a de quem vê-se obrigado a lidar com certa gente!

Pois este—Deus me perdoe—não quer metter um pobre diabo na cadeia, só para nutrir seu genio, dizendo que é simplesmente para conhecer o redactor do *Alabama*!

Si continuar, mando-lhe cortar a enca-necida barba á faca cega!

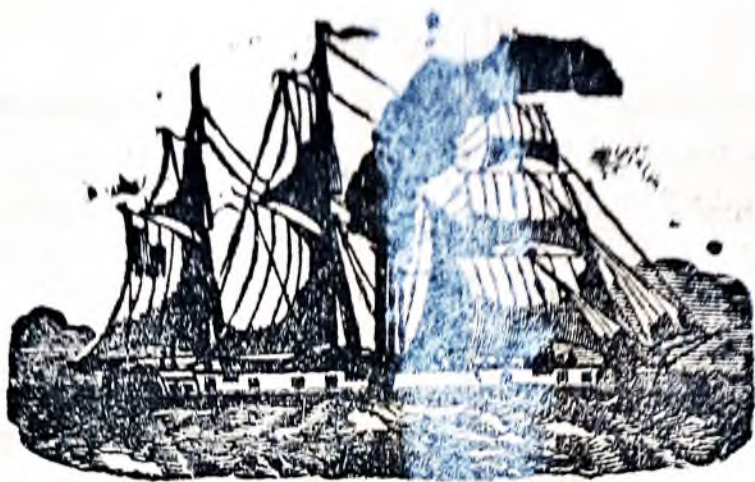
Deixe de ser bobo.



ADVERTENCIA.

Os Srs. assignantes que devem duas se-ries e que ao receberem o presente numero não satisfizerem o seu debito deixarão de ser considerados assignantes.

Bahia—Typ. de M., A., e C.—Rua da Misericordia n.º 17.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.^a

BAHIA 24 DE FEVEREIRO DE 1864.

N.º 24

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de fevereiro de 1864.

Officio ao inspector do arsenal de marinha, dizendo-lhe que entre as graves queixas que a bordo deste navio existem contra S. S. ha a seguinte, que cumpre liquidar: e é que ha mais de um mez se acha ausente da secretaria dessa inspectorio o respectivo secretario, e que não obstante estar elle fora com licença dada por S. S., é considerado prompto, tirando-se-lhe a respectiva gratificação *pro labore*. E como semelhante procedimento, a ser verdadeiro, importa *prevaricação* punivel cumpre que, quanto antes, sobre isto informe; mandando entretanto chamar esse empregado para o serviço, e dizer-lhe que V.S. não pode dar licença com vencimentos; mesmo porque V.S. deve saber o que é, quem dá o que não é seu.

—Ao mesmo, para que informe em quanto importaram os arcos e folhas de pitangas, que se armaram nesse arsenal, no dia 1.º de janeiro, e si é verdade que foram lançados à conta da fazenda publica. Em caso verdadeiro V.S. indemnizará a thesouraria dessa quantia, visto não me constar que ella tenha parentesco com irmandades, e ao contrario ter sido V.S. o juiz do festejo do Senhor Bom Jesus dos Navegantes.

—Ao mesmo, para que informe si entre os fornecedores desse estabelecimento ha algum parente seu, e o que fornece, visto ahi andar um tratante, que deixou de ser procurador do fóro e que se gaba de estar destructando esse *mangelorum*; sendo sempre dos primeiros pagos visto suas contas serem classificadas—urgentes—o que muito tem concorrido para o acabamento da verba, que está quasi a expirar.

—Ao Sr. tenente Lobo, prevenindo-lhe que ha um cabo no 10.º batalhão que costuma, nos dias em que está de folga, por-

se na Estrada Nova a recrutar, e depois de intimidar as pessoas que passam com o recrutamento, exige das mesmas quantias de quatro vintens e meia pataca para soltar-as, cumprindo por tanto que S. S. tome providencias para que esse *esperto* não continue nesse meio de vida.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá já a uma venda defronte do becco do Pilar e examine a qualidade do vinho que alli se vende, que me dizem provoca vomitos quando se bebe, pelas substancias de que è misturado; depois do que passará Vm. ao 2.º andar da mesma casa, e fará carregar pelos—pretos da nação—para o hospital da Santa Casa a immensidãde de fariuha que me consta se acha alli depositada.

—Immediato, quem é aquelle casmurro que alli vera?

—Pois o capitão não conhece o corta-pescoço?

—Oh tratante-mor, aproxime-se, venha direito como quem anda sobre ponte, e diga-me:

Esses oculos serão para cobriz-lhe o estanho da cara? Era melhor trazer uns ant-olhos dos qua usam seus collegas na casa do Ariani. Entretanto sabe para que eu o mandei buscar?

—Não, senhor.

—Foi para perguntar-lhe se V. não crê em Deos; si não està certo do premio que o diabo ha de dar-lhe.

—Mas Sr. capitão..... eu sou franco e juro, por S. Jorge que estou emendado.

—Emendado! Forte descaração; pe V. meu sem vergonha, que todos os dias insulta a quem vai comprar bilhetes; vossê que continúa a pertencer a irmandade, que tem os olhos no céu e as mãos no mundo, diz que ja se emendou?

E então que satânico divertimento é este

de espalhar veneno no seu quintal para matar a criação dos pobres e infelizes moradores de tão infelizes que são seus vizinhos.

—Pois si me destroem o quintal.....

—Qual quintal descarado. Miseravel, ei continuas hei de te mandar—não cortar o pescoço, porque isto é privilegio teu, mas... mas mando-te pôr uma corrente ao pescoço, depois de te pintar a cara com alcatrão.

—As ordens de V. S. Sr. capitão.

—Guarda-marinha, va pelo Passo do Saldanha, dobre a direita e procure por este vão de rua um tratante que si fosse arvore as suas patifarias dariam cachos por eiras e beiras, e traga-m'o cá para ajustar contas.

—Eil-o, capitão.

—Ora diz-me hypocrita, cómo é que teu irmão sendo um verdadeiro sacco d'areia, um balofo dos seiscentos, sahistes tu um casmurro esmirrado, de sorte que se alguma semelhança tens com elle, é somente nas velhacadas e tratantices.

Mas vamos ao que serve.

Além de atraçoares as pessoas a quem mostras intimidade e affeição, és um refinadissimo velhaco.....

—Isto não, capitão, eu sou o typo da honradez e probidade.

—Por isso mesmo é que fostes àquella loja no commercio, e tomaste para amostra duas peças de panno e uma chapelinha? e o pobre lojista esperou que voltasses até hontem porque hoje inda pode o diabo querer, e tu ires levar.

—Voltei no mesmo dia para entregar, capitão; mas quando cheguei a baixo já a loja estava fechada, no outro dia tive de fazer um enterro, no outro estava massado do trabalho, no outro... tive preguiça de des-

ser e assim foram os dias se passando e eu esqueci-me de lavar.

—E dizem que a companhia do—Olho-Vivo—se compoem dos miseraveis que andam tirando carteiras!

Já agora não me admira de te ver andar com a cara limpa quando o Aguiá d'Ouro te chamava para pagares as botinas que caloteastes.

—Guarda-marinha, tu que tens astucias do diabo, lembra-me o destino que devo dar a este lórpa.

—Remetta-o V. Ex. ao padre Varella, pela identidade que tem com defuntos para abrir covas.

—Conduze-o.



(Continuação do Antonio Regresso.)

—Que infame ladroeira foi aquella que fizeste com o patricio em tractos commerciaes, na qual empalmaste desfaçadamente boa somma?

—O' senhore capitão! aquelle tractante é que me queria suvare, fazendo que eu entrasse para a sua quebra com dinheiros que já tinha pago a elle.....

—Sim, eu te conheço bem, assim como ao gatuno do teu patricio.

Então como vamos com a sociedade dos celebres diamantes?!...

—Male senhori capitão.

—Ja pagaste aos teus credores os generos que estavas devendo?

—Não tenho dinheiro, senhori capitão: esse pouco com que giro debo ao amigo gallego Xico dos Xifres.

—Pois labrego tens dinheiro para botar fora em emprezas de diamantes e não tens para pagar a quem estás devendo?

Que modo é esse de tratar borrego? ainda estás insolente, malcriado, e estúpido, apesar da lição de biriba que te deram na Cha-

pada, como quando vieste de Portugal de rampo de anichagem e areia de pinho?

—Meu senhori capitão, eu estou entediado; trato bem os vrasileiros; o Xico dos Xifres é que costuma chamal-os negros, e a disere que ha casamentos.....

—Ah com aquelle insolente muito breve ajustarei terriveis contas.

—Posso ir-me embora, senhori excellentissimo capitão?

—Muxingueiro?

—Prompto, Sr. capitão.

—Mil calabrotadas diariamente nesse Regresso, neste grandissimo e refinaoissimo vethaco, metta-lhe um par de machos aos pés, e o encantõe la no mais escuro e immundo do porão do *Alabama*, até que este birbante aprenda a tractar com brasileiros, a ser polido e menos audaz nesta terra, que amansa a gallegos atrevidos. Regresso dos diabos, a frente!

—Senhore, por quem é.

—Mãos a obra!

—Uii... ui!....

—Por quem é, la se vai o meu futuro, e a pexinxá de mentir e arengar ao Xico dos Xifres.

—Maldita polemica do tribuuale do commercio, a ella debo o estare a purgare aqui assim os meus grandes piccados.

Balha-me o glorioso padre Santo Antonio de Lisvoa.....

A' PEDIDO.

Pede-se á um certo sujeito chamado Mathéos, que não continúe a mandar por seus moleques accender fogueiras de maravilhas atraz da igreja d'Ajuda, encamodando assim aos moradores d'aquella rua. Sinão... sinão...

Pergunta-se ao Exm. Sr. Barão do Pirajá qual o motivo de não se ter feito a 26 annos as sobre-partilhas da fallecida Exma. Sra. D. Anna Maria Pires de S. José Aragoão. Bahia 20 de fevereiro de 1864.

O Tenente reformado.

Senhor Honorato não queira procurar guerra em tempo de paz; o Caes Dourado não permite estas cousas e a moça não gosta de namorar.

Pede-se ao Sr. Joaquim Baptista Jirão o favor de ir à loja às Portas do Carmo, defronte do Becco do Motta a tratar de certo negocio, porque desde o dia 31 de dezembro do anno passado deixou de frequentar a dita loja. Bahia 20 de fevereiro de 1864.

Sr. Redactor.

Tendo sahido em seu numero 21 uma publicação a respeito de uma demanda de Henriqueta de tal, e que houvera certo arranjo de uns quatro continhos de réis feito pelos honrados *Chagas subtil, Seraphico gallo, e meirinho mascavado*, apresso-me, Sr. Redactor, em reparar uma falta que ahí houve, que foi de não ser mencionado o principal personagem deste interessantissimo drama, que dizem ser um homem *honorabilissimo* que escreve lá para as bandas do caes que tem *ouro*, e que por apelido lhe chamam *lutigero com pestana*. Sr. Redactor, inimigo de injustiças é que venho fazer esta reclamação, para que uns não gozem e outros soffram, e si V. S. Sr. Redactor, me permittir, no numero vindouro lhe contarei uma historia que muito lhe agradará, sobre um testamento falso feito em nome de uma preta rica que morreu

ha 5 para 6 annos lá para a freguezia de Santo Antonio. Até outra vez, Sr. Redactor.
O Servita.

APONTAMENTOS.

I.

« A lei é igual para todos. Apontem-me as casas de jogo, e vejam si eu não providencio, » dizia o Sr. Dr. delegado sabbado ás 10 horas da noite.

Pois bem:

Vá S. S. ao Maciel, que ha de encontrar uma casa de portas abertas, illuminada, jogando-se com inaudito apparatus; não é preciso trabalho em procurar, o som metallico, o tinir da prata e do ouro, lhe indicará onde é.

Houve um tempo que o escandalo subia ao auge de um soldado de policia nessa casa servir de porteiro.

Estará fora da lei essa casa?

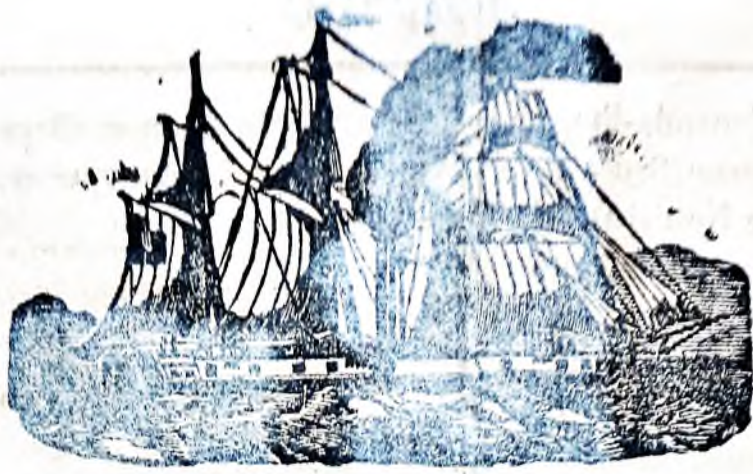
Isto é um ponto de honra para o Sr. Dr. delegado. S. S. tem aqui dous caminhos a seguir. Ou o juiz recto e justiceiro punindo com egualdade, ou o homem parcial cedendo contra sua consciencia aos caprichos de alguém, abusando da authoridade que a lei lhe confere para opprimir o fraco.

A palavra honrada de S. S. e o seu espirito illustrado nos dá direito a crêr que S. S. ha de provar que é um magistrado imparcial.

Dè S.S. o primeiro passo, e mostre sua energia com os grandes, e nós lhe bendiremos. E desde já lhe promettemos que lhe havemos de apontar uma por uma as casas de jogo

Não queira S. S. que digam que somente com os fracos, é S. S. forte

Alipio Christiano Bulhões Pacheco.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.^a

BAHIA 26 DE FEVEREIRO DE 1864.

N.º 25

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de fevereiro de 1864.

Officio ao Sr. commandante das armas, para que informe si nesta guarnição existe algum official chamado Felix Gato, cujos signaes constam da inclusa necrologia impressa que se tem distribuido e que se lhe remette; afim de que, caso exista, o remetta escoltado à este navio, afim de responder pelas ladroeiras que consta fazer acualmente, dando aos infelizes soldados, mediante grande juro, dinheiro emprestado. Devo declarar mais que consta que esse official é um que em Serinhaem furtou dous escravos, e que em Pirahy foi escovado por fallar de quem não devia.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, informando-lhe de que na noite de 22 fôrabarbaramente espancada uma mulher na la-

deira da Poeira em casa de um—*Arre-lá*—e que aos gritos da victima nenhuma patrulha ou inspector appareceu, e como isto não seja compativel com as luzes do *progresso* e liberdade em que vivemos, cumpre que S. S. dê providencias á respeito.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme. Não sendo possivel extinguir-se terrivel praga de gatunos e ratoneiros que infestam esta cidade, cumpre ao menos acabar com alguns que por mais ousados ou pelas relações em que andam trazem em grave perigo à sociedade. Vá por tanto Vm. por essas ruas e veja si encontra um Sr. Balhões, creatura celebre nos annaes da policia e que ainda no dia de Todos os Santos entrou em uma casa á rua do Ferraro e empalmou um par de argollas que foi vender em certa parte por 5\$ rs., e leve-o da minha parte ao Dr. delegado para lhe dar o destino que convier. Devendo ter Vm. muita attenção e criterio para que se não confunda com pessoas de equal nome honestas e honrada. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a um dos beccos da Carne Secca e tome a unjamanta de nome No-ti-jus, de pés de toezas, que é preciso quanto antes acabar o desfructe que dá com uma senhora casada, pois do contrario será empregado a bordo no serviço da faxina. O que cumpre pra.

REQUERIMENTO DESPACHADO

José Ferreira, queixando-se de certo *maestro-caçador* que desde o 2 de Julho não lhe quer pagar o trabalho de uns 15 ensaios e 2 dias de funcção.—Recorra aos tribunaes competentes.

—Muito economico é o vice-presidente; até já supprimiu uma ordenança!

—Quem lhe disse isto?

—Eu que vi; vinha agora pela Calçada, e vi um carro acompanhado por uma ordenança; não podia ser sinão o presidente.

—Qual, meu moço! é o delegado que deu agora para andar com a senhora em passeio de ordenança atraz.

—Isto é rico!

—Venha cá, meu bobo; que faz vossé no Collegio? E' empregado?

—Não, senhor; von conversar.

—E occupa-se então do *Alabama*? Nem por ter já sido corrido pelos conegos se emenda! Então que taes foram aquelles sopapos que lhe deu o sachristão?

—Não foi com o Barbosa que se deu este facto.

—Foi então com um bobo organista, cujo sexo se desconhece, e que tendo aversão a especie humana, gosta de virar macaco, para não parecer gente?

Forte asno!

Eu bem lhe conheço, minha boa firma. Perdoe-lhe por que sei que é maluco.

—Capitão, vamos saltar alli naquelle caes?

—Arriba para outro porto que alli é o porto dos bois femininos.

—Então capitão, é por causa dos bichos que não podemos saltar alli?

—Não, é por causa do collega que não deixa passar nem a Nossa Senhora em proccissão, quanto mais aos tristes de nós peccadores!

—O' Sr. Guilherme, viu Vm. por ahi o Pedro Uruga?

—O que quer com o Pedro Uruga, Sr. José Alves? sem duvida fiou-lhe algum pente.

—Qual! Pois o patife não pregou-me um logro, pediu-me uma pataca emprestada com mil choradeiras, eu não tinha cobres dei-lhe 5 \$ para trocar, e elle foi-se.

—Pois eu tambem ando a procura d'elle. Olhe que o homem é das *Arabias*. Pois não foi ao *Bota de prata* pedir umas botinas para ver, e não empinou-se sem que haja quem saiba d'elle!

—Guarda-marinha, quem é aquelle sujeito que tanto blasphema e injuria?

—É um procurador de causas, que injuria certo juiz por não pactuar com as suas tranquiernas, e não approvar as suas continuadas velhacadas. O homem quer dar todos os *domingos* bailes e *soirés* precisa de dinheiro, e quer embarcar bisca em toda *vaz-a*, o juiz não consente, e eil-o a dizer cobras e lagartos.

—Pois vae lhe dizer que seja mais prudente, e que refreie a sua lingua sinão o mandarei para bordo para servir de buxa no rodizio de prôa.

- Que tem V., meu tenente?
- Capitão, metta o rodizio da prôa naquella sucia do Santo Antonio.
- Que gente é aquella?
- É a junta de qualificação que deixou de me considerar votante, a mim, empregado publico, casado, honesto pae de familia, muito conhecido nesta terra, porque vivo a zurzir os ladrões!
- Não dê cavaco, tenente; foi descuido.
- Quem não cumpre a lei é rebelde, quem tira o direito alheio é ladrão; caritão é preciso acabar com estes piratas e rebeldes; fogo n'elles!



—Venha cá, Sr. tirador-mor de diabos. Contaram-me trez casos do Sr., que eu custei a acreditar, apesar do Sr. ser capaz de tudo.

1.º Que passando o Vallasques por sua porta com uma imagem de Santo Antonio que mandára benzer o Sr. insultára a Santa imagem com os termos mais obscenos e reprovados que se pode imaginar.

—Foi verdade, capitão.

—Sacrilégio! e não te envergonhas de confirmar semelhante blasphemia! Em que quitanda ou açougue recebeste educação?

Disseram-me mais que tinhas um botequim e que la pozeste uma filha da Leopoldina viuva e que a todos que entravam pedias uma esmolla para sua liberdade e assim arranjaste uns 60\$ rs., até que descobriram que a menina era livre.

—Tambem é verdade.

—E como qualificas isto?

—Modo de viver, capitão.

—Roubo lhe chamo eu.

Ainda me contaram que um dia em que diziam que o povo ia á Praça tratar da questão ingleza, succedeu morrer um filho teu, que tendo tua virtuosa mulher te mandado dar parte, a resposta que teve foi que era dia de guerra, e que se arranjasse como

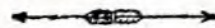
pulessas, que iam para a Praça porque ella não podia tardar. E vindo segundo recado, a resposta foi que mandasse abrir um buraco no quintal e enterrasse a creança, o que a não ser teu velho sogro succederia.

—E' exacto.

—E não tens pejo de dizer isto?

—Pejo? qual pejo! Si eu nunca o tive!

—Sevandija!... Vergonha da especie humana!... Vai-te, que já não te posso encerrar ..



—Capitão, aqui lhe trago um menino bom e bello; aposto que quem o ouvir faltar não o leva preso.

—Quem é elle? Tem uma caraça do diabo! Que bixo é este?

—Pois não conhece o capitão *Baldado*?

—O que fez este arganaz?

—Ora eu lhe conto.

Um sujeito foi alli á um homem que tem loja de sapatos, tomou um calçado e apresentou como garante este magano que se responsabilizou pela divida, visto que devia ao comprador.

Passado algum tempo pediu-lhe o dono da loja os cobres em companhia de uns outros que lhe devia seu amavel filho.

Foi a resposta uma descompostura no filho; pelo que teve o homem de retirar o pedido.

O capitão exigiu então uma ordem para pagar; foi-lhe esta entregue em sua casa.

Alguns tempos depois, o lesado foi ao moço que lhe tinha feito a compra, o qual lhe disse não poder pagar, visto não ter em seu poder a ordem.

Foi pelo dono da loja convidado a ir á casa do *Baldado*, onde este o recebeu a ponta de bayoneta, disse-lhe muitos despropositos, muita sandice, muita asueira de menino ou de velho demente; chegou a dizer que nada devia, que não dava nem ordem nem dinheiro.

—Que maganão! e tão sonso!

—Ah! si V. Ex. soubesse que quer elle ser juiz de paz?!

—Sim? Boas pazes fará elle. Quando agora, simples *requerente* trata assim ás pessoas que o *conhecem*, quanto mais quando for juiz!

—Queria ver isso, capitão, queria ver-o principiar a justiça por casa; queria ver si deixava o filho de ser tão caloteiro; já não ha loja de charutos que lhe fie um vintem.

—Ora deixe o filho; quero conversar com o pae.

—Ora, capitão isto é um pobre diabo velho, um capitão de ordenanças, atire-o ao porão.

—Isso não. Tome-o V. a seu cuidado; conserve-o na prôa exposto ás galhofas da tripolação; marque-lhe a frente com o signal de judas denunciante do filho, e espere pelo sabbado d'Alleluia.

—Está bom, está bom, capitão; approvo o programma.



LA VAE VERSO.

JEJUM SEM PENITENCIA.

—Meu padre vossê que tem
Que ha trez dias não comeu?

—Jejuo pela Quaresma,
Q' não sou nenhum judeu.

—Isto é serio? Me disseram
Que o *passarinho* fugiu.

—Não senhor, é falsidade,
Quem tal lhe disse mentiu.

A *Canaria* bem parece
Que de *caldas* já não chucha;
Mas é falso.—E é tão falso
Que V. ficou com a bucha!



Meu official d'armada,
Não dê-se a desfructe assim,
O senhor um homem sério

Na venda do Seraphim,
Namorando p'ra defronte
Fazendo artes de saguim!

Vá comer bem descansado,
Seu soldo de reformado,
E deixe de ser pedante,
Depois não fique zangado
Não queira dar bordoadas
Por ver seu nome faliado.

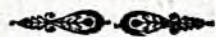
A' PEDIDO.

Pergunta-se ao Sr. commandante de policia que castigo sofreu o soldado desse batalhão Pacheco empregado na secretaria do chefe de policia, que fôra preso na noite 21 em uma casa de jogo.
O Espiao.

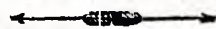


Pede-se ao Sr. capitão Fausto que pela sua honra e com aquella franqueza que o caracteriza declare si algum dia entrando em um hotel ao largo do Theatro lhe tiraram do bolso uma carteira, e no caso affirmativo, qual a pessoa que lhe tirou, e que meios empregou para havel-a.

Boiões.



Dá-se 10:000\$ por um *testamento falso*, ou um *frasco de veneno pela vida d'um tio*, a quem indicar um meio facil de abreviar os dias d'um parente rico.



Pergunta-se ao subdelegado do Pilar a razão porque quiz prender o inspector do 16. quarteirão.

Bahia—Typ. de M., A., e C.—Rua da Misericordia n.º 17.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 3.^a

BAHIA 27 DE FEVEREIRO DE 1864.

N.º 26

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., a 1\$000 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantados. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de fevereiro de 1864.

Officio ao Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe providencias para o seguinte:

Hontem á tarde, duas moças, moradoras a rua Direita do Collegio, na casa n. 18, perguntaram a uma creoula que da casa visinha sahia, si ja morava em sobrado. A rapariga responden-lhe que não era admiração e lembrou ás moças o *tronco de que procedem*.

Desfarçaram as cujas, e chamaram a creoula, como quem lhes ia dar uma recado; agarraram-na, deram-lhe muita pancada, feriram-na, e mandaram-na em paz.

Foram advertidas, e responderam mal, como costuma fazer certa gente.

Faz-se mister que V. S. se dê ao trabalho de informar-se do facto, e providenciar a respeito.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá á rua que fica por detraz da igreja de S. Pedro Velho e intime a um sapateiro que dizem ser captivo, e que è dono d'uma biboca em que se reúnem innumeros jogadores, que é preciso dar fim a seu divertimento, sob pena de ser condemnado a chicote, e a jejum de pão e agua, até apresentar sua carta d'alforria. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á fonte da Munganga, e qual novo major Soares, de vergalho em punho me refresque uns magauões que alli vão banhar-se nús, depois das 9 horas da noite, como si a taes horas não passam por alli pessoas honestas, agora principalmente que regresam as familias de Itapagipe, onde foram passar a festa. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá a ladeira do Alvo casa n.º 27 onde mora o africano Hygino, e faça-o mudar-se para algum logar do suburbio, visto não poder

morar aquelle africano dentro do cuido pelo incommodo que causa aos vizinhos á noite pelo barulho infernal que faz com festejos de santos. O que cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá ao Gravatã à uma loja de massas e intime a seu dono que acabe quanto antes com as immoralidades que alli tem lugar com as negras que entram a comprar, assim como com os jogos que alli se inventam, entre os quaes não fica em ultima escalla o de cardarço, em que um caixeiro perdeu 105 rs. da gaveta do amo, para cuja restituição empenhou um relógio. O que cumpra.

—Ao Manè-Babia, para que vá as portas do Carmo, e intime à Mariquinhas do Penedo, que deve tratar de respeitar a visinhança, deixando de dar os escandalos que continuamente dá com os concurrentes que la vão ter, sob pena de se lhe dar o destino de ajudante da Natta-Cobra. O que cumpra.

—Venha cá, amigo!

Faz-me favor entregar ao dono aquelles 100,000 rs. que V. S. recebeu por mão d'um sargento para pagar uma divida.

—Não é comigo, meu moço.

—Oh! pois já se esqueceu daquelle andamento que teve um bilhete seu, cuja letra V. S. negou?

Não se lembra daquelle conferencia entre os empregados da fazenda, daquelle vergonha toda, daquelle reconhecimento definitivo de seus collegas?

—Ah! Não sabia que V. Ex. já sabia disto.

Tudo está já concluido, capitão; meu credito já não periga.

—Muito estimo. E já que é V. S. tão orgulhoso, acho bom que não continue. V. S. é progressista e não me consta que isto seja progresso. Adeus.

—Padre, pois isto é bonito?

—Que honve então, Exm.?

—Pois V. receber dez contos de réis para arranjar um casamento contra a vontade do seu collega! V. servindo de mercurio! Em tão alto grau! De meias vermelhas!...

Forte descaro!

—V. Ex. já sabe d'isto? Levara o diabo ao Alabama.

—Inda respinga! Esses jesuitas não me enganam!

Reverendo, aproveite a Quaresma, que o sabbado d'Alleluia é seu.

—Conhecce aquelle gallego que por alli me passa?

—Aquelle bixaroco de cabelleira que por mais delicado que se fazer queira, estão os pés a denuncial-o?

—Sim: aquelle patife que alli vae.

—Oh! é um meninorio de mão cheia.

Fez uma tratada com uma casa do sogro hypothecada com um inventario etc., etc.

Casou-se segunda vez por uma bandalheira, que burlou o honrado projecto de seu honrado cnhado.

Estando a dever doze contos a uma casa de que tinha sido fiador n'alfandega, exigiu della a porcentagem de um por cento da fiança, fazendo-se assim credor da dita casa de quatorze contos, mais ou menos.

—Basta. O nome do cujo?

—Não sei; o appellido é o d'um ex-presidente, e é claro como o dia.

—Peguem-no já e já.

(Continúa).

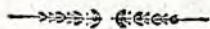
—Que diabo de barulho é um lá para o Maciel?

—São duas moças que se injuriam de parte a parte com palavras pouco convenientes. Aquillo não passa de alguma rivalidade.

—Mas aquillo é indecente e muito depõe contra pessoas que querem passar por serias.

—Quem está em uma posição, mais ou menos honesta, não deve se expor a ser insultada por quem lhe está muito distante em condição.

—São consas. Mais tudo fica em paz, a mãe de uma das belligerantes, senhora viuva respeitavel, mandou chamar o seu advogado, que tem influencia tão forte, como um *curvalho* e elle arranjará o negocio.



—Então, que roubo é este que compraste?

—Roubo não, Sr.; são *linguados* que comprei na mão deste diabo.

—E não viste que este homem não tem fendição, nem é negociante?

—Ora é boal! Para vender *linguados* basta ser pescador.

—Como o és tu dos cobres alheios!...

—Não, capitão; é que eu enganei-me pelo nome; offereceu-me *linguados*, comprei-os porque julguei serem peixes. Infelizmente são de ferro, e eu negocio com ferragens; já começam a chamar-me ladrão.

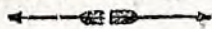
V. Ex. porém me fará justiça.

—E tanta que vou mandar-te atirar ao porão.

Camaradas, uma esfregação de beriba neste gallego.

—Só em mim, capitão? E meu socio?

—Pois venham ambos.



—Venham cá, maganões!

—Promptos, Exm.

—Então vossês não attendem aos inspectores de quartelirão

—Pois não!

—E como vossês não se quizeram pres-
tar a prender aquelles sujeitos que estavam

no entrudo rigoroso, em companhia do ca-
bo visitador, Diocleciano?

—Pois não, capitão!

—Vossês não disseram até que não tinham ordem de prohibir o jogo d'entrudo; não descompuzeram o inspector de quartelirão?

—Nós não.

—Sr. Irenio Boaventura da Costa, isto não tem geito!

—E onde foi isto?

—V. bem sabe que foi em Santo Antonio. Mas a culpa não tem V. A desmoralisação parte de cima; si o delegado não dissesse que estava de posse dos diplomas dos inspectores para saber quem eram elles, tendo de remetter para a tropa os que nesse caso estivessem... si as authoridades policiaes fossem as primeiras a garantir seus agentes vossês não teriam esse desaforo!

Mas ha de se dar as providencias, que vou já participar ao seu commandante.



—Capitão, iô tá zangado.

—Mas porque?

—Negra trabaia de dia, di noite elle que descança.

—E quem te mandou trabalhar á noite,

—Péra, capitão. Capadóça nan qué qui iô drome. Negra de xinhá Pedroso tá ni samba; capote tá ni violão e ni cantoria; ripoi taliaua tá ahi.

—E que tem os italianos?

—Um tem um rabeca qui parece gato que mia; é um rabeca de diabo; outro tem harpa e canta; outro tem um frauta qui guincha; e ripoi reareja, capitão; reareja tá eumo musca ni currá; uoite tudo esse dia bo nau drome e nan deixa gente drome.

—Mas queres então que se prohiba os realejos?

—Si iô pode, iô fazê. Brasilero nan vae ni terrai de ladram nim um pra toca folle

mai gata. Brasiléro som bobo; esso reareja
faze pesse; ni rua tudo elle tã.

Iô ouviu dizê que elle só pode sac de
tarde promode ri menino de sicolla, e iô
vê elle todo hora ni rua, e menino ri trai
de elle, mai moleque, mai negra, auani
tudo. Ri noite desaforo tà grande. Taliana
qui toca som lazaroni; lazaroni som ma-
landé: malandé som ladrom, som bebo,
som sassino; e anda ni rua di noite. vent u-
rero de lem-mar, qui ninguem sabe qui è,
nia donde vem, nim onde vae. E ripoi
som gritaria, som baruiò, brasilero nau
pode drome.

—E os brasileiros não fazem o mesmo?

—Iô já nam dizê? Samba, biolla, pandé-
ro, biollão e cantoria de demonha.

Brasiléro turo tà queixa, turo, turo, turo.

—Ora calle-se! Tão delicado não è V.,
yoyô! Beba opio para não accordar, que
assim faz a policia, e da-se bem!

—Ta denreto, capitão; Vossa Encellencia
falla soutro dia de mim, e falla hoje de
poriça.

Iô tá vingado, capitão!

A' PEDIDO.

Pergunta-se a certo subdele-
gado de uma das freguezias desta
capital qual a rasão porque se
apossou dos titulos de residencia
dos africanos libertos que estão
morando ha mais de 3 annos na
mesma freguezia, querendo es-
candalosamente obrigar-os a ti-
rar novos, para d'est'arte saciar
sua sede de dinheiro, desobede-
cendo assim formalmente á uma
circular ou portaria do Sr. Dr.
chefe de policia com data de 20
de maio de 1861. em que recom-
mendava aos subdelegados pouco

mais ou menos isto « que os en-
crivães exigiam pela licença ex-
cessivos emolumentos, e de mais
havendo enorme differença entre
o que exigiam os escrivães de
umas e outras freguezias, e ainda
mais não satisfeitos com isto, os
ditos escrivães obrigavam os re-
feridos africanos, além deste pa-
gamento arbitrario, a reformarem
similhantes licenças, chamava a
atenção dos subdelegados para
um tal abuso, para o fazer logo
cessar; e que obtida uma vez a li-
cença ou titulo de residencia não
deve o africano jamais reformal e
enquanto morar na mesma fre-
guezia, embora se mude de um
para outro quarteirão; bastando
em tal caso o visto do inspector.
E que tal, Sr. subdelegado, como
gosta V. S. de pechinchas?

* * *



Amanhã ha na Cruz do Cosme um pro-
cesso por injuria ao Sr. padre Manoel Ja-
cintho de Araujo Pimenta.

O mesmo padre acoutou em sua casa um
guarda nacional que fugiu da mão de um
outro que o conduzia preso; está compre-
hendido no art. 124 do codigo criminal.

Sahiu depois á insultar uma pessoa que
com elle foi ter, o irmão do guarda que
prendêra o fugido. Está incurso no crime
de injuria, e dá queixa de injuria!.....

São cousas!

Vejamos agora o Sr. Piapitiuga o que
faz.

Esperemos.

O Sambista.

